

Escavações de Monte Mozinho (1974-1998): projecto territorial e lugar de encontro de Callaecia

Teresa SOEIRO
UP/FLUP-CITCEM

Francisco CALO LOURIDO
MPG

Resumo

Questionamos as vertentes inovadoras do projecto arqueológico de Monte Mozinho (Penafiel), decorrentes quer da metodologia e resultados da escavação do sítio, iniciada na imediata sequência da Revolução de 74, quer da sua posterior extensão espacial a todo o município e ampla abrangência diacrónica. Deveras significativo foi também o impacto deste projecto na consolidação das relações entre investigadores do Norte de Portugal e da Galiza, constituição de equipas de trabalho conjuntas com intervenção em diversos sítios arqueológicos do Noroeste e formação de novos arqueólogos.

Palavras-chave

Castro de Monte Mozinho, arqueologia no Município de Penafiel, arqueologia antiga de *Callaecia*, projectos arqueológicos da Revolução de Abril

Abstract

We argue the innovating features of the Monte Mozinho (Penafiel) archaeological project, both the ones resulting from the methodology used in and the outcomes of the site excavation, which began soon after the 1974 Portuguese Revolution, as well as the ones resulting from the excavations subsequent expansion throughout the entire municipality physical area and their vast diachronic inclusiveness. Furthermore, the aforesaid project had a truly significant influence on the strengthening of the relations between the North of Portugal and Galiza researchers, on the formation of joint teams that worked together in several archaeological sites in the Northeast region and on the training of new archaeologists.

Keywords

Fortified settlement of Monte Mozinho; Archaeology in the Penafiel Municipality; classical archaeology of *Callaecia*, archaeological projects in the 1974 Portuguese Revolution

O Castro de Monte Mozinho é um povoado fortificado de altura, classificado desde 1948 (decr. 37077), localizado sensivelmente no centro do município de Penafiel. Atinge os 408m de altitude e desfruta de uma ampla visibilidade, dominando o vale percorrido pela rio Cavalum e ribeira da Camba, corredor natural que desemboca no Douro em Entre-os-Rios, e as cumeadas já na margem sul deste rio e para além do Tâmega (Fig. 1).

A identificação das ruínas será antiga e, certamente, intuitiva para quem usou este espaço de monte como complemento à exploração agro-pastoril. Os muros afloram e o material cerâmico é frequente na superfície. Talvez por isso, localmente diz-se que *quem ao Mozinho vai ao rapão, alguma coisa topa no chão* (Soeiro 1984; 1998a e 1998b).

Para a comunidade científica, a primeira extensa notícia sobre o sítio arqueológico foi publicada em 1920 por Lacerda Machado (Machado 1920), impressionado com a dimensão do Castro, que visitara dois anos antes na companhia de José Monteiro de Aguiar, um erudito local que acabou, ele próprio, por doar os materiais persistentemente recolhidos ao Instituto de Antropologia da Universidade do Porto. No seu afã de investigação e preservação de Mozinho, conseguiu ainda interessar Rui de Serpa Pinto (Pinto 1928), Mendes Correia e, mais tarde, Russel Cortez (Cortez 1948 e 1951).

Quase em simultâneo, Abílio Miranda, outro erudito local, também se empenha em preservar o sítio, recolhendo notícias e espólio, em especial o da necrópole, que a seu pedido virá a ser publicado em 1931 por José de Pinho (Pinho 1931).

Porque Abílio Miranda fez parte do núcleo fundador do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral, mobilizou este organismo de coordenação da investigação e património do distrito para tomar a seu cargo a realização de escavações. Estas viriam a ser dirigidas, entre 1943 e 1954, por Elísio Ferreira de Sousa, professor do ensino secundário, que intervencionou a plataforma média de Mozinho, pondo a descoberto estruturas edificadas de época romana, sobretudo do baixo-império (Sousa 1954).

Apesar da arquitetura doméstica, do pódio do monumento e respectivas esculturas, dos tesouros monetários tardios e dos diferentes materiais metálicos, vítreos e cerâmicos (de importação e de fabrico regional) terem sido descobertas suficientemente impactantes e inovadoras para que este investigador e outros membros do Centro de Estudos Humanísticos realizassem diferentes comunicações em reuniões científicas (Sousa 1962; Sousa 1965; Sousa e Brandão 1963) e o Museu de Etnografia e História lhes atribuisse um lugar de destaque na exposição, a sua interpretação e valorização para a construção da história ficou por alcançar.

Foi Carlos Alberto Ferreira de Almeida, bom conhecedor das colecções deste Museu, que intuiu a relevância dos achados e se mostrou interessado em responder afirmativamente ao pedido endereçado pelo Museu e Câmara Municipal de Penafiel, no início da década de setenta, para que os trabalhos neste sítio patrimonial fossem retomados e recuperada a área posta a descoberto, já novamente em ruínas (Soeiro 1998b). Mas outras tarefas se interpuseram, provocando adiamentos, até que chegou Abril de 74 e no Portugal que despertava tudo era urgente, incluindo a sede de conhecer o próprio passado e de fazer dele uma riqueza para todos.

Assim, depois de renovados os contactos, no início de setembro os jovens reunidos no Centro Cultural Penafidelis e o Museu tinham toda a logística instalada e o processo revelou-se imparável. O terreno para o acampamento fora cedido por um proprietário

vizinho, as tendas eram do Exército, a cozinheira a habitual nas vindimas da Quinta da Avelada, o transporte e alguns trabalhadores pertenciam à Câmara Municipal, outros foram contratados entre os lavradores das redondezas, a maioria dos jovens, umas dezenas, provinham do concelho, estudantes da FLUP contavam-se ainda poucos (Fig. 2.1).

O que não faltava era a alegria de estarmos juntos a aprender, a trabalhar para construir saber e a partilhá-lo com as populações envolventes, que constantemente visitavam as escavações e junto das quais foram feitas sessões públicas, palestras ao ar livre com projecção de imagens, para que todos compreendessem a missão e defendessem um património que era seu. A prontidão com que saiu a publicação da primeira campanha (Almeida 1974b), apresentada no S. Martinho desse mesmo ano, diz bem desta dinâmica, que não esmoreceu nos anos seguintes.

De 1975 a 1979, Carlos Alberto Ferreira de Almeida continuou a dirigir os trabalhos de Mozinho, três semanas de escavação que se prolongavam em meses a desenhar, a tratar e estudar o espólio, a procurar paralelos que dessem sentido a uma leitura completamente nova da ocupação nos castros após a conquista romana e do processo histórico e cultural daí decorrente. Foram tempos em que Mozinho atraía cada vez mais estudantes interessados neste magistério directo e sem limite de horas, em que, depois dos trabalhadores despegarem, a jornada se podia prolongar em envolventes discussões sobre as estratigrafias, as estruturas e o espólio recolhido, até não haver mais luz.

A imprensa noticiava os trabalhos e as autoridades locais e regionais visitavam o Castro com regularidade, e entre estas destacamos D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto e penafidense de berço, que todos os anos aqui se deslocava (Fig. 2.3). Em Mozinho foram também recebidos investigadores nacionais e estrangeiros (Fig. 2.2), sobretudo hispânicos, interessados nas novidades sobre o longínquo e nebuloso Noroeste, que com os resultados obtidos nesta estação começava a ficar mais bem enquadrado na história peninsular.

*

Recordamos que, ao principiar a década dos anos 70 do passado século, a arqueologia dos castros definhava numa situação de inércia que, desde há muitos anos, não permitia o avanço nem uma ruptura com o anterior. Tudo era repetitivo, uma soma de materiais que nada de novo acrescentavam à ciência arqueológica. Na raiz desta situação estava, sobretudo, o conformismo face à visão de uma Cultura Castreja homogénea, na qual tudo se reduzia a dividir os materiais entre indígenas ou pré-romanos e de importação ou romanos. Se algo resultava estranho, fazia-se notar, mas a ausência de cronologias certas, baseadas em estratigrafias e materiais a elas associadas, era absoluta.

No ano de 1977, Fernando Acuña Castroviejo insistia no interesse de escavações que permitissem *«averiguar si existe una verdadera estratigrafia que nos muestre una secuencia cronológica y nos revele la evolución de las formas materiales»* (Acuña 1977: 22). Quando, em 1979, um de nós com vários membros da Sección de Arqueología e Prehistoria do Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento publicámos o estado da questão sobre este campo de estudo na Galiza, propusemos que se fizesse uma escolha de estações arqueológicas castrejas que proporcionassem *«boas e clarexadoras estratigrafias,*

deixa agora tan escasas nos xacementos escavados», e rematávamos insistindo na necessidade de uma «estreita colaboración cos especialistas da Cultura Castrexa de Portugal (já então encetada) e Asturias (a caminho de ser concretizada), o que posibilitará o establecemento dun frente común para resolver problemas que tamén son comúns ás tres áreas» (VV.AA. 1979: 70).

Ainda no Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, celebrado em Guimarães em 1979, se disse que «*La casi totalidad de los castros del Noroeste son yacimientos 'inestratificados'. Es decir, carecen de una estratigrafía natural (sobre todo para las etapas más antiguas), aunque puedan poseer depósitos culturales que, lógicamente, encierran más dificultades de interpretación...*» (Eiroa 1980: 79). No mesmo Seminário, escutámos frases como esta: «*Como se sabe, as escavações em moldes autênticos, de rigor estratigráfico, etc., são muito recentes»* (Costa, Faria e Carvalho 1980: 7). Martin Höck reforça o mesmo discurso, quando escreve: «*Na bibliografía sobre os castros transparece muitas vezes um problema metodológico de grande importância: a escassez de dados estratigráficos»* (Höck 1980: 55). Neste artigo, o autor faz referência à *Historia de España* de Menéndez Pidal, onde Blas Taracena e Maluquer de Motes (este um dos investigadores exteriores ao Noroeste que melhor conheceu a Cultura Castreja) ressaltam a importância do Castro de Cameixa, por aí se ter localizado, pela primeira vez, uma estratigrafia em jazimento castrejo, lamentando-se porém de que os escavadores misturaram todos os materiais, ficando assim invalidados para estudos posteriores.

Efectivamente, o Castro de Cameixa (concelho de Boborás, Ourense) foi escavado, em 1944-1946, por Florentino López Cuevillas e, directamente, por Xaquín Lourenzo. Dois anos depois, deram notícia deste jazimento na Revista de Guimarães, publicando ali Xaquín Lourenzo, em 1952, as cerâmicas pintadas que tinha exumado. Muitos anos volvidos, apareceu a publicação completa e detalhada, onde se diz que os materiais dos cinco níveis que detectaram no castro estavam classificados em outras tantas bandejas no Museo Provincial de Ourense, onde, por um acidente, caíram, misturando-se as cerâmicas. Devidamente reordenadas pelas notas do diário de escavação, figuram nesta derradeira publicação dos autores (López Cuevillas e Lorenzo Fernández 1986). A confusão de materiais não fora intencional ou descuidada como indicam Maluquer e Taracena. Em Cameixa estamos, pois, diante de uma primeira tentativa de estudo por níveis de um sítio arqueológico castrejo nos assaz recuados anos quarenta do passado século. É bem certo que não houve continuidade nas escavações subsequentes. (Fig.2)

Quando no Seminário celebrado em Guimarães se apresentavam aquelas queixas sobre a falta de estudos estratigráficos, havia já uns anos que Carlos Alberto Ferreira de Almeida vinha a realizar tentativas de ordenar sequencialmente o material cerâmico castrejo, escrevendo, antes mesmo de iniciar Mozinho, uma classificação distinguida com o «Prémio Coronel Mário Cardozo», que serviu de base para posteriores trabalhos tipológicos mais extensos, assim como para o estudo cronológico de sondagens e escavações realizadas nas décadas seguintes (Almeida 1974a). Esta classificação evidencia já um arqueólogo experimentado, bom conhecedor dos materiais, independentemente de que, como resultado de escavações muito posteriores, algumas cronologias viessem a ser recuadas, por exemplo a da cerâmica *tipo Penha*, que na altura se atribuía ao Bronze Final, como também publicámos (Cfr. Calo Lourido e Sierra Rodriguez 1983: 19-85). Os trabalhos que C. A. Ferreira de Almeida encetou no Monte Mozinho, em 1974,

foram inicialmente revolucionários para o conhecimento da Cultura Castreja em época romana ou, o que é o mesmo, daquela fase que, pela dimensão dos povoados e pela própria arquitectura dos mesmos, caracterizava a dita cultura.

Escavador de uma estremada finura, com sensibilidade absoluta para as terras derivada da sua condição de homem do campo, e experiente conhecedor das tipologias cerâmicas romanas, pela vasta bibliografia e contacto directo com materiais do centro e sul de Portugal, Carlos Alberto Ferreira de Almeida soube ler e diferenciar as unidades estratigráficas da zona superior do jazimento, entre muralhas, que o levaram a distinguir uma cronologia que abrangia o séc. I d.C. com dois conjuntos de níveis bem definidos: um pré-flávio e outro, que significou uma grande mudança, já plenamente flávio. Arquitectura e materiais harmonizavam-se perfeitamente em cada um dos momentos da ocupação e, a partir daqui, passámos a dispor de algo sólido em que nos apoiar para a datação de outras estações da mesma época. Dos dois volumes com publicação de resultados, o segundo (Almeida 1977), além de aportar uma visão profundamente etnográfica do povoado, converteu-se em verdadeiro manual ou guia de campo para quem se lança numa escavação na região e mesmo em todo o território da Cultura Castreja, funcionando tanto pela presença de materiais como pela carência dos mesmos, o que permitiu o contraste cronológico e mesmo zonal entre os dois conventos pelos quais se dividiu a cultura em época romana.

Desta publicação, na qual se classificam e definem cronologicamente cerâmicas (sigilatas, bracarenses, cerâmicas finas pintadas, imitações pompeianas, comuns, lucernas), vidros, fíbulas, moedas e esculturas, assim como cerâmicas indígenas próprias da primeira parte do século, o mesmo autor assegura estar consciente de que *«os resultados obtidos são surpreendentes para o estudo da diacronia da cultura castreja e para o conhecimento do processo de romanização da zona no século I da nossa era»*. E mais adiante acrescenta: *«este relatório ficará a ser uma pedra fundamental na teorização da cultura castreja»* (Almeida 1977: 5). Não admira que fossem, precisamente, discípulos de C. A. Ferreira de Almeida a aplicar em primeiro lugar os conhecimentos seguros derivados deste trabalho aos seus estudos particulares, como já revela uma comunicação apresentada no referido Seminário celebrado em Guimarães (Almeida e Soeiro 1980: 29-36).

Mas os trabalhos em Monte Mozinho produziram outras, várias e importantíssimas, consequências, entre as quais sublinhamos a criação de uma coesa e duradoura equipa, na que todos o considerávamos e tratávamos como mestre, assim como a ruptura da concepção de trabalho localista, intrafronteiras, que cedeu a vez à intensa série de colaborações em uma e outra banda do Minho e mesmo em território asturiano.

*

No ano de 1978, Fernando Acuña Castroviejo, hoje catedrático de Arqueologia da Universidade de Santiago, e um dos assinantes desta comunicação, aterrámos em Monte Mozinho para participar nas escavações (Calo 1997:131-132). Verificámos que a arqueologia de campo que ali se fazia estava a um nível muito superior ao que se praticava na Galiza, o mesmo que uns anos antes escrevera o nosso também comum mestre e catedrático de Arqueologia Alberto Balil, quando, ao dizer que os conhecimentos sobre a *Callaecia* romana estavam à altura das zonas limítrofes, matizara: *«...excluyo las tierras situadas al S. del Miño... donde este conocimiento alcanza un nivel muy superior al que*

nosotros poseemos y nos es constante acicate y estímulo así como permanente advertencia de lo mucho que nos queda por hacer» (Balil 1974: 211-212). Nós, galegos, ficamos ambos desde aquela ocasião integrados no grupo aglutinado em redor do *mestre*, e o subscritor desta comunicação não só participou ao longo de décadas nas sucessivas campanhas de escavação, como o fez em outro tipo de trabalhos de recorte etnográfico, por exemplo ao longo do Tâmega. A própria tese de doutoramento que elaborámos ficou devedora em relação aos resultados de Monte Mozinho, que lhe sinalizaram uma nova cronologia a seguir e tentar verificar para toda a plástica castreja (Calo 1994).

Após o Seminário de Guimarães e uma vez incorporado em Compostela, o actual catedrático de História Antiga - Gerardo Pereira - entra também em contacto com a realidade de Monte Mozinho e, depois de realizar vários e inovadores trabalhos para a compreensão da História Antiga da *Callaecia*, chega a reconhecer que «*o castro de Monte Mozinho ten sido, polo menos para min, a referencia fundamental para historiar o fenómeno castrexo baixo o dominio romano*» (Pereira 1998: 37). Outro investigador mais que ficou para sempre rendido às potencialidades de Monte Mozinho.

Desde aquele afastado verão de 1978, muitos foram os trabalhos conjuntos, as visitas mais ou menos demoradas às escavações, as viagens de estudo – e gastronómicas - e mesmo os planos de trabalho, que a morte do *mestre* trunco¹. Juntos realizámos escavações em diferentes sítios arqueológicos de Portugal sob a direção de um ou outro membro desta equipa: S. Estevão da Facha (outro jazimento importantíssimo pela sua ampla cronologia e bem documentados contextos com material de importação), Castelo de Faria, Sabroso, Muro da Pastoria, etc. Na Galícia, com outros colegas, trabalhámos em Castromao, O Neixón, A Graña ..., locais para cuja lista, elaborada por Fernando Acuña (1998: 32-34), remetemos.

Participámos ainda, em 1980, na escavação de San Chuis (Pola de Allande, Astúrias) dirigida pelo catedrático de Pré-história da Universidade de Salamanca, Francisco Jordá Cerdá, que se manifestou surpreendido pela dinâmica galaico-portuguesa. No regresso, aproveitámos para visitar Coaña e cotejar assim castros e materiais dos três conventos jurídicos.

O ano de 1982 pode ser paradigmático desta simbiose de trabalhos. Escavámos em Mozinho, já sob a responsabilidade de um dos subscritores, fizemos a campanha de Baroña dirigida pelo outro e posteriormente publicada em conjunto (Calo e Soeiro 1986), estivemos no Muro da Pastoria e no Castelo de Faria, sempre com o apoio presencial de Carlos Alberto Ferreira de Almeida e a participação de membros seniores da sua equipa. Mas agora juntou-se-lhes uma nova geração de estudantes, portugueses e galegos, que queriam também experienciar esta aprendizagem de terreno, feita de trabalho e discussão crítica. Temos o prazer de ver muitos deles ter sucesso na profissão de arqueólogo, alguns são conferencistas nestas jornadas (Fig.3.1 e 3.2).

O I Encontro de Universitários do Noroeste Peninsular, organizado pela Associação de Estudantes da FLUP e pelos seus pares da Faculdade de Xeografía e História da Universidade de Santiago de Compostela (com o apoio de Gerardo Pereira e Teresa Soeiro), tornou esta colaboração mais abrangente e transgeracional, uma vez

¹ Refiro-me àquele, muito ambicioso, que com ele estava a encetar sobre a comunidade piscatória da Póvoa de Varzim (F. Calo Lourido).

que o evento foi dedicado à memória de Rui de Serpa Pinto, no cinquentenário do falecimento deste jovem e promissor arqueólogo português que, no início da década de trinta do século XX, realizou trabalhos com Lopez Cuevillas. Ramón Martínez López e Joaquim Rodrigues dos Santos Junior recordaram as relações institucionais cortadas pela guerra civil espanhola; os jovens puderam celebrar, em périplo pelos sítios arqueológicos escavados em conjunto, a democracia conquistada em abril e com o fim do franquismo.

E Monte Mozinho continuou a ser pólo de campanhas de escavação anuais, que acolheram estudantes universitários e jovens dos programas de ocupação, trabalhadores rurais e investigadores, sempre com a cumplicidade e apoio seguro do poder local e a retaguarda do Museu Municipal de Penafiel e da FLUP (Fig. 4).

Este caminho de amizades sedimentadas em tantas jeiras de labor e descoberta também tem os seus marcos de pesar, como aconteceu quando recebemos a inesperada notícia do falecimento de Carlos Alberto Ferreira de Almeida que, em conjunto, acompanhámos à derradeira morada no verão de 1996.

Mas, fazendo das contrariedades força, no ano seguinte, as universidades de Santiago e do Porto, em colaboração com o Museo do Pobo Galego, o Museu de Penafiel e o Museu da Citânia de Sanfins, dedicaram ao nosso *mestre* um colóquio de homenagem, subordinado ao tema *Castrexos e Romanos no Noroeste*, e uma exposição biográfica que depois veio para Portugal, sendo primeiramente apresentada em Penafiel, simultaneamente com a realização do painel de estudos *Monte Mozinho: 25 anos de trabalhos arqueológicos* (Fig. 5). Uma leitura do índice das actas mostra como as diferentes gerações de arqueólogos portugueses e galegos continuavam congregados em torno desta figura que a reunião homenageou triplamente: com a investigação apresentada e publicada (3 volumes dos *Cadernos do Museu*); pela exposição patente ao público; com a inauguração do projecto de valorização de Monte Mozinho (Soeiro 1998c), que incluiu a recuperação de toda a área escavada de 1943 a 1998 e respectiva consolidação (Queiroga 1998), o estabelecimento de sinalética e percursos de visita, a criação de materiais de divulgação (guia, cartaz e desdobrável) (Soeiro, R. 1998) e a aquisição da área destinada ao acolhimento e lazer do público, para a qual ficou feito e aprovado o projecto de execução (Pinto e Moutinho 1998).

Dava-se assim por terminado um ciclo em Mozinho, que recebêramos transformado num amontoado de pedras derrubadas carentes de interpretação e devolvíamos à comunidade local e internacional como um dos mais conhecidos castros do noroeste, objecto de múltiplas publicações monográficas, em revistas e em actas de reuniões científicas, exemplo citado nas aulas e conferências, fixado na impressionante imagem que lhe serve de cartaz (Fig. 6).

*

Porque um povoado com a dimensão de Mozinho não se poderia interpretar sem conhecer a envolvente, entendida também nos tempos que o precederam ou lhe sucederam, as escavações deste sítio arqueológico acabaram por se transformar em ponto de partida para um projecto de arqueologia territorial que, mantendo no cerne a mesma equipa, sempre renovada com jovens arqueólogos, se estendeu à região, em particular à área do Município de Penafiel, que o adoptou.

Assim, para além das campanhas anuais de escavação em Monte Mozinho, acorremos

a trabalhos de emergência na Suvidade de Recezinhos, ameaçada pela construção do novo plano rodoviário (Soeiro 1985-86), e também à emergência gerada pela colocação a descoberto de paredes na Bouça do Ouro (Boelhe), cujas estruturas construídas vieram a ser escavadas na íntegra, mostrando um tipo de assentamento alternativo ao do Castro, embora em grande medida sincrónico - o casal romano (Soeiro 1998). Realizámos entretanto salvamentos pontuais em zonas de enterramento de jazimentos com diferente tipologia, sirvam de exemplo as necrópoles de Paço de Sousa (Soeiro 1992-93), e escavámos em extensão duas outras necrópoles romanas, provavelmente pertencentes a aldeias abertas implantadas em cotas baixa: os trabalhos em Montes Novos (Croca) decorreram no final da década de oitenta, início da seguinte (Pinto 1996 e 1998) e em Monteiras (Bustelo) de 1993 a 1995 (Soeiro 2009-10), contando cada uma com mais de uma centena de enterramentos, de diversas cronologias. Na área do actual município, as necrópoles romanas recenseadas são já em número de vinte e nove (Soeiro 2013b).

Após ter sido encerrado este quarto de século, que teve início na imediata sequência da Revolução de Abril e culminou com a publicação das intervenções do painel de estudos dedicado a Carlos Alberto Ferreira de Almeida e a recuperação de toda a área escavada, apresentadas ao público em 1998-99, a arqueologia no município de Penafiel adoptou novos procedimentos e intervenientes. Junto do Museu Municipal surgiu o Serviço de Gestão do Património Cultural, responsável pela elaboração e actualização da Carta do Património Cultural Municipal, incluindo o inventário, preservação e valorização dos sítios arqueológicos, que implica também dezenas de acções de acompanhamento e escavação. A direcção da escavação de Monte Mozinho passou a estar contratualizada com Teresa Pires de Carvalho (Santos 2008).

*

Mas também porque a arqueologia não termina na época clássica, tentámos desde os anos oitenta estar atentos à profunda transformação do mundo que nos rodeava, onde se podia testemunhar o esvaecer de uma sociedade rural que o Estado Novo condenou ao anquilosamento, sem contudo ser capaz de lhe extinguir a dinâmica ou de a substituir. Desde a década de sessenta do século XX que as populações partiam em busca de um futuro diferente, tomando o caminho das cidades litorais mais industrializadas ou dos países europeus onde a força de trabalho era bem-vinda. Para trás ficaram os testemunhos materiais e as memórias vividas do intenso aproveitamento dos recursos primários oferecidos pelo território e de séculos de saber fazer oficial, que em contados casos foi acompanhado por nichos industriais.

Foi assim que começámos, em 1985, pelo estudo urgente do património do vale do Tâmega na área a submergir pelo enchimento da albufeira do Torrão, para depois seguir com o património fluvial do Sousa, a pesca no Tâmega e Douro, a tecnologia do linho e um longo *et cetera* que inclui diversos ofícios tradicionais e pequenas indústrias (Soeiro 2008). Não esquecemos igualmente outros importantes momentos de construção deste território em diferentes períodos históricos. Testemunho desta investigação são diversas publicações e as teses de mestrado e doutoramento dedicadas a temáticas penafidelenses apresentadas nesta Faculdade de Letras da Universidade do Porto ou a importante contribuição que o conhecimento adquirido em Penafiel prestou a outras mais abrangentes.

*

Entre tantos percursos e algum achado afortunado na volta do caminho, como a impressionante interpretação de uma Paterna local representada na morte à maneira da clássica Vénus, aparecida há escassos anos em Capela (Soeiro 2013a; Santos e Pires 2014), é o topos formosíssimo de Monte Mozinho que levará sempre a honra de ter sido o que abriu as portas não só ao conhecimento seguro do que foi um castro debaixo do poder de Roma, com a fixação cronológica de materiais útil para os restantes jazimentos desta cultura, como a este projecto territorial alargado no espaço, na diacronia e nas gerações de investigadores. Porém, para os que ali desenterraram os seus segredos e formaram uma equipa faz agora quatro décadas, o Castro será, enquanto vivermos, um referente não só científico, senão, o que desde o ponto de vista humano é infinitamente mais importante, um lugar de encontro e memória para as relações de amizade que unem as duas margens do Minho.

Bibliografia

AA. VV. (1979) - *Prehistoria e Arqueoloxía de Galicia. Estado da cuestión*. Lugo: Sección de Arqueoloxía e Prehistoria do Instituto de Estudos Galegos “P. Sarmiento”.

ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando (1977) - Panorama de la cultura castrexa en el NO. de la Península Ibérica. *Bracara Augusta*. Braga, vol. 31, p. 235-253.

ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando (1998): As escavacións galego-portuguesas no mundo castrexo no contexto dos intercambios culturais e científicos neste século. Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2, p. 29-35.

ALMEIDA C. A. Brochado de; SOEIRO, Maria Teresa C. M. (1980) - Sondagens nos castros de Abade de Neiva e Roriz (Barcelos, 1978). *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, vol. 2, p. 29-36.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1974a) - Cerâmica Castreja. *Revista de Guimarães*. Guimarães, vol. 84, p. 171-197.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1974b) - *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Penafiel: Centro Cultural Penafidelis.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1977) - *Escavações no Monte Mozinho II, 1975-1976*. Penafiel: Centro Cultural Penafidelis.

BALIL, Alberto (1974) - De nuevo sobre Galicia y sus relaciones marítimas durante la época Imperial Romana. *Actas do III Congreso Nacional de Arqueologia*. Porto, vol. 1, p. 211-221.

CALO LOURIDO, Francisco (1994) - *A plástica da Cultura Castrexa galego-portuguesa*. La Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.

CALO LOURIDO, Francisco (1997) - Património cultural no Noroeste de Portugal. In FIDALGO SANTAMARIÑA, Xosé Antón; SIMAL GÁNDARA, Xesús (coord.) - *Património cultural de Galicia e Norte de Portugal*. Ourense, p. 131-137.

CALO LOURIDO, Francisco; SIERRA RODRÍGUEZ, Xosé Carlos (1983) - As orixes do castrexo no Bronze Final. In PEREIRA MENAUT, G. - *Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga de Galicia*. Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, p.19-85.

CALO LOURIDO, Francisco; SOEIRO, Teresa (1986) - *Castro de Baroña*.

Campañas 1980-84. Arqueologia / Memórias, 6. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

CALO LOURIDO, Francisco; SOEIRO, Teresa (2004) - O castro marítimo de Baroña (Porto do Son – A Coruña). *Boletim Cultural da Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim, vol. 39, p.25-52.

COSTA, Abel Gomes da; FARIA, Abilio Mariz de; CARVALHO, José de Silva (1980) - Sondagens Arqueológicas no Concelho de Barcelos – Abade de Neiva, Faria e Roriz. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, vol. 2, p. 5-28.

EIROA, Jorge Juan (1980) - Notas sobre la cronología de los Castros del Noroeste de la Península Ibérica. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, vol. 2, p. 71-83.

HÖCK, Martin (1980) - Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda (concelho de Mirandela). *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, vol. 2, p. 55-70.

LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino; LORENZO FERNÁNDEZ, Xaquín (1986) - *Castro de Cameixa. Campañas de 1944-1946*. Arqueología/Memórias. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

PEREIRA MENAUT, Gerardo (1998) - Reflexións en clave histórica sobre Monte Mozinho. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2, p. 37-50.

PINTO, Fernando Maia; MOUTINHO, Virgínio - Equipamentos de apoio em Monte Mozinho. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2, p. 267-278.

PINTO, Gilda Correia (1996) - *A necrópole de Montes Novos - Croca. Um cemitério da Gallaecia tardorromana*. Porto: FLUP (diss. mestrado).

PINTO, Gilda Correia (1998) - A necrópole romana de Montes Novos/Croca, Penafiel. *Cadernos do Museu*, vol. 2, p. 187-240.

QUEIROGA, Francisco M. V. Reimão (1998) - Monte Mozinho: questões e opções na preservação do sítio. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2, p. 243-266.

SANTOS, Maria João Correia; PIRES, Hugo Armando Miranda - A estela funerária de Capela, Penafiel (Conventus Bracaraugustanus). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra, vol. 119, inscrição nº 510.

SANTOS, Maria José (2008) - Intervenção no património arqueológico de Penafiel. Protecção, valorização e divulgação. *Oppidum – número especial: Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa*. Lousada, p. 213-226.

SOEIRO, Renato (1998) - Estratégias de comunicação para o património. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2, p. 279-286.

SOEIRO, Teresa (1984) - Monte Mozinho: Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tãmega em época romana. *Penafiel: Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel, 3ª série, vol. 1, p. 5-232.

SOEIRO, Teresa (1985-86) - A Suvidade de São Mamede de Recezinhos: campanha de escavações de 1985. *Penafiel: Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel, 3ª série, vol. 2/3, p.15-32.

SOEIRO, Teresa (1992-93) - Notícia sumária acerca de duas necrópoles romanas - Paço de Sousa, Penafiel. *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 13/14, p. 281-288.

SOEIRO, Teresa (1998a) - *Monte Mozinho. Sítio arqueológico*. Penafiel: Museu

Municipal de Penafiel [2ª ed. em 2005].

SOEIRO, Teresa (1998b) - Monte Mozinho: 25 anos de trabalhos arqueológicos. Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2, p. 11-22.

SOEIRO, Teresa (1998c) - Monte Mozinho: projecto de valorização e dinamização cultural. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2, p. 287-296.

SOEIRO, Teresa (1998d) - O sítio romano da Bouça do Ouro, Boelhe. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 4, p. 5-62.

SOEIRO, Teresa (2008) - A arqueologia histórica no município de Penafiel. *Oppidum – número especial: Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa*. Lousada, p. 195-209.

SOEIRO, Teresa (2009-10) - Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel). *Cadernos do Museu*. Penafiel: Museu Municipal, vol. 12/13, p. 5-221.

SOEIRO, Teresa (2013a) - Notícia sobre uma nova estela romana figurada de Capela, Penafiel (Portugal). *Actas da VII Reunión de escultura romana en Hispania*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, p. 335-348.

SOEIRO, Teresa (2013b) - A preferência pela inumação nas necrópoles romanas dos sécs. III - IV d.C. do Município de Penafiel (Norte de Portugal). *2º Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição*. Évora: Universidade de Évora (no prelo).

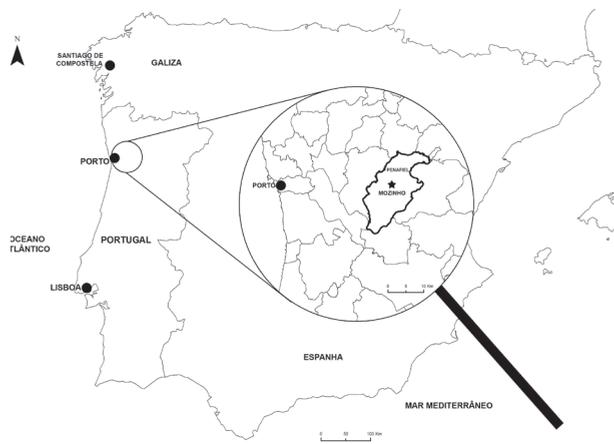


Fig. 1 - Castro de Monte Mozinho (Oldrões/Galegos, Penafiel)
(MMPNF: Fot. Penaguião & Burnay, 1998)



Fig. 2.1 - Monte Mozinho, campanha de escavações arqueológicas de 1974
2.2 e 2.3 - Visitas de Patrick Le Roux (1974) e D. António Ferreira Gomes (1976)
(MMPNF: Fot. Antony)



Fig. 3 - Participação colaborativa de arqueólogos e estudantes galegos e portugueses nas escavações do Castro de Baroña (Porto do Son, 1982) e Castelo de Faria (Barcelos, 1982)



Fig. 4 - Equipa de Monte Mozinho a celebrar o final dos trabalhos de 1989 com a presença das autoridades locais: Presidente da Câmara Municipal de Penafiel António Justino do Fundo e membros das Juntas de Freguesia de Galegos e Valpedre

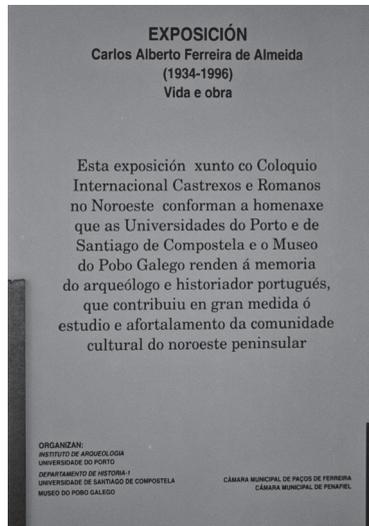


Fig. 5 - Colóquios e Exposición de homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Santiago de Compostela, outubro de 1997; Penafiel, abril de 1998

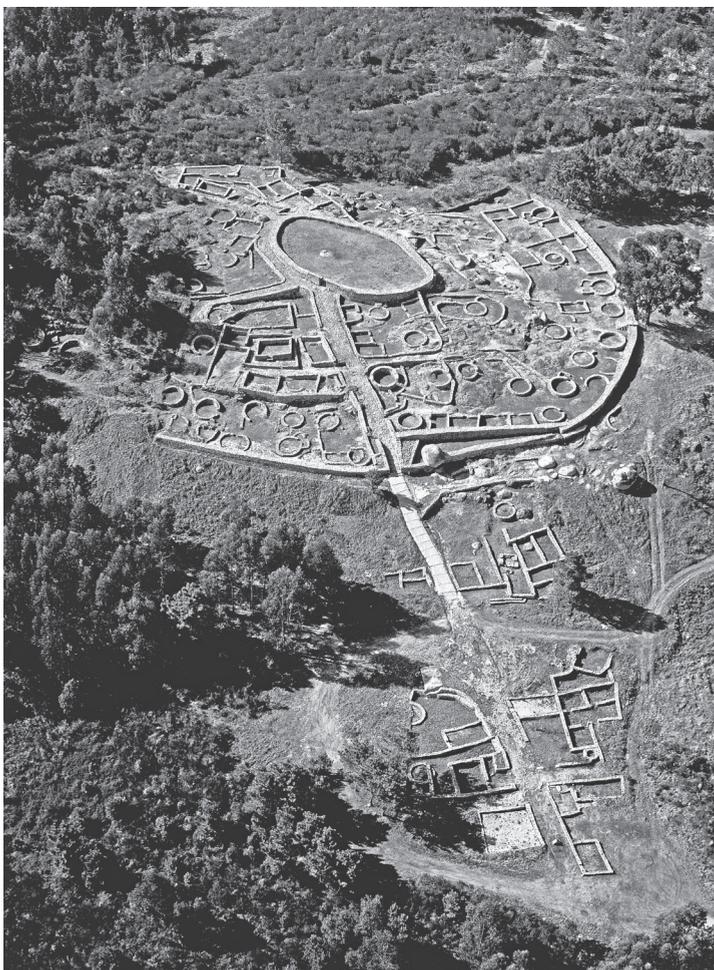


Fig. 6 - Castro de Monte Mozinho: situação da área escavada antes da intervenção FLUP iniciada em 1974 e sítio arqueológico em 1998. (MMPNF: Fot. Antony, 1958, e Penaguião & Burnay, 1998)